

A ARTE CIRCENSE COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Edilene Jesus Souza Santana Souza.
Instituto Federal Baiano-IFBaiano.
ennaurbana@hotmail.com

Resumo: Reconhecer a especificidade da Educação do Campo é buscar equacionar o direito para os sujeitos que vivem nesses espaços, superando o olhar estereotipado e estabelecendo novos caminhos para essa construção. Este trabalho evidencia as enriquecedoras experiências que nasceram do projeto: “Iniciação as Artes Circenses”, que foi realizado no Circo Rural Picolino localizado na Fazenda Sete Brejos, no município de Jiquiriçá, projeto realizado com 40 crianças e adolescentes com faixa etária de 07 a 17 anos, objetivando tanto a valorização do campo como espaço cultural quanto às atividades circenses como ferramentas educacionais. Foram desenvolvidas ao longo do projeto atividades circenses, teatro, dança e oficinas pedagógicas buscando a apropriação da história do município para montagem do espetáculo final. Para verificação da eficácia das atividades desenvolvidas foram entrevistados dez participantes do projeto. Os resultados propiciaram a relevância do desenvolvimento das atividades com estudantes do campo, causando impactos na vida social destes, uma vez que a milenar cultura circense renasceu no campo trazendo novas perspectivas para o futuro e idealização dos sonhos também repercutindo na sua autovalorização e melhoria de convivência com as pessoas em seu entorno.

Palavras- chave: Circo. Educação do Campo. Educação..

Introdução

Construir um novo olhar acerca da Educação do Campo é investigar a consciência social do seu sujeito, compreendendo-a como uma ação coletiva de intervenção e reflexão que deve respeitar as singularidades, celebrar a sua cultura na diversidade e dimensão que a compõe. Assim, essa é a grande justificativa para a arte educação neste espaço, reconhecer os sujeitos dessa ação educativa.

A mudança dessa realidade desencadeará Políticas Públicas que alterem esse cenário, pois o sistema educacional rural é compreendido ainda como as sobras da educação oferecida no meio urbano revelando-se opositora as ações educativas que valorizem as especificidades do campo e seus sujeitos.

Redefinir o espaço do campo na sociedade brasileira é banir com estereótipo vigente de total submissão desse território para com o urbano atrelado a lógica capitalista de que o rural não tem significado histórico. Para tanto o reconhecimento da escola do campo e no campo como veículo capaz de fortalecer a superação da dicotomia entre o rural e urbano.

É urgente a ressignificação das escolas do campo, pois urge um campo que celebre a cultura local, que fortaleça a identidade de sua comunidade com a busca da cultura que historicamente foi se perdendo, devido aos grandes avanços tecnológicos em especial o meio de comunicação de mais fácil acesso a TV que ocupou os lugares das rodas de conversas, as cantigas de roda na casa de farinha, o reizado, os trovadores, a contação de história, entre outros. Com isso, não se afirma que o campo não é espaço para as novas tecnologias, porém essas tecnologias não podem extinguir a cultura e as relações socioculturais.

É notório que nosso país é composto por múltiplas faces, em que predominam as desigualdades socioeconômicas e raciais que acabam ocasionando relações sociais discriminatórias e excludentes em relação à população rural, sobretudo nas regiões mais pobres. Fato que podemos constatar nos dados do Censo Demográfico de 2000 e PNAD 2004 (IBGE, 2007), sublinhados por Elizeu Clementino: no Nordeste o índice de analfabetismo na região da zona rural é maior que na zona urbana, sendo na zona urbana de 16,8% e na zona rural é de 37,7%. Assim, o autor aponta que se não houver iniciativa, nunca haverá mudanças concretas capazes de derrubar a visão de hostilidade que paira sobre o país, e que, sem luta e quebra de paradigmas não haverá justiça social, muito menos haverá a mudança dessa realidade excludente.

Diante do exposto o Projeto Circo Rural: curso de iniciação as artes circenses, surge com objetivo trazer um novo olhar para o campo, florescendo um campo de possibilidades onde a arte, o picadeiro (santuário do circo) e o campo caminham juntos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Desencadeando no campo um espaço propício para a fomentação da cultura, onde os sujeitos envolvidos pudessem reconhecer-se como parte integrante no desenvolvimento do projeto, valorizando o campo como um espaço também favorável para as múltiplas aprendizagens.

Histórico da arte circense com vínculo social

Resgatar a história circense desde os seus primórdios é evidenciar também o olhar preconceituoso que historicamente foi construído quanto esta arte. Nesse sentido é papel também da educação a reconstrução desse olhar.

O circo social iniciou na Roma antiga, com o objetivo de resignificar no centro das arenas os problemas sociais vivenciados, resgatando valores e introduzindo os saberes corporais do universo ludocircense na execução de seus espetáculos, onde a magia além de encantar despertava o senso crítico acerca dos temas abordados. Por ser uma ferramenta capaz de proporcionar a descoberta da identidade individual com base no respeito mútuo, o circo social torna-se uma metodologia que além de entreter possibilita à sistematização de saberes necessários a construção de uma sociedade mais justa igualitária.

As práticas de atividades circenses no Brasil já existiam antes do século VXIII, que eram efetuadas por ciganos, os quais chegavam aqui fugidos das perseguições da Europa. Eles realizavam em solos brasileiros espetáculos que envolviam desde habilidades sobre cavalos a demonstrações de ilusionismo e adestramentos de animais (MAUÉS 2004). Nesse sentido o circo no Brasil sofreu influência das companhias de saltimbancos e companhias circenses de características nômades vindo da Europa para fazerem suas apresentações em feiras, festas, com intuito de sustento.

O processo de formação do circo brasileiro na visão SILVA (1996) com enfoque na associação familiar e transmissão de sabres, demonstrando que as produções eram resultados de um longo processo de formação/ socialização/aprendizagem. Ou seja, o espetáculo circense, longe de ser apenas um produto de entretenimento revelava-se como resultado visível de um longo rigoroso e complexo processo de formação artística. Com isso, abre-se nossa percepção não só para os conhecimentos práticos e teóricos desenvolvidos pelos circenses, mas para os valores que organizam sua atividade e para uma verdadeira pedagogia no campo da arte.

O circo social como ferramenta educacional

Por muitas vezes ao pensar em circo desencadeia a ideia errônea de que este é um espaço apenas para o ato de brincar e de entretenimento, classificando-o como uma arte popular sem objetivos específicos, que historicamente sofre um olhar preconceituoso da sociedade.

De acordo com ABREU (2007, p. 13), este descreve a percepção quanto ao circo:

O olhar ligeiro e menos atento pode, muitas vezes, classificar o circo como atividade menor no mundo dos espetáculos. Nessa visão, ele seria apenas um decadente modo de produção artística, principalmente se comparado aos poderosos meios visuais e tecnológicos e às linguagens consideradas mais importantes ou qualificadas do ponto de vista cultural. As poucas e pobres lonas coloridas, que nosso olhar passageiro flagra na periferia das grandes cidades, parecem atestar o veredicto: o circo está em extinção assim como outras manifestações culturais, ante o avanço inexorável dos novos meios de produção e veiculação artísticas. [...].

Diante desse aspecto vale direcionar um olhar para as inúmeras contribuições que a arte circense pode trazer para o fazer pedagógico, desde o crescimento pessoal ao aprimoramento das relações interpessoais, que podem estar imerso no dia a dia do picadeiro, na realização de atividades que visem o conhecimento do corpo, o respeito ao outro, a compreensão da cidadania, o teatro e a dança como fonte de expressão, conhecimento do meio onde vivem por meio de pesquisas temáticas e contação de histórias.

Assim, JÚNIOR & TRINDADE ([2000?], p.16) abordam uma visão crítica diferenciada do circo quando afirma que: [...] Não o vemos como um conjunto de técnicas a serem replicadas, mas como uma proposta político pedagógica aberta, baseada numa perspectiva dialógica da educação no entendimento da complexidade social.

De acordo com MANCILLA (2006, p.18)

Educar com um circo é apostar na alegria e recuperar todo o potencial civilizatório de uma arte, milenar, que desde suas origens teve por base a diversidade, a aceitação do outro, o sentimento do fantástico, do mágico, a superação dos limites, a convivência e criação coletivas e acima de tudo a brincadeira e o jogo são levados a sério. São estes alguns dos elementos que baseiam a concepção do Circo Social. O circo social sonha com um mundo diferente, integrado e solidário que se aceite como o que é: um lugar de todos, redondo, itinerante e a céu aberto.

Partindo desse princípio, é notória a relevância de elencar o circo como um instrumento de transmissão de saberes no âmbito educacional e construção da cidadania, tendo em vista que a

educação tem um grande poder de intervenção social na vida indivíduo e por meio do lúdico ocorre maior entusiasmo frente à busca do aprendizado, unir educação e circo é da vez e voz ao discurso: “a arte de alimentar o desejo de aprender” (JÚNIOR & TRINDADE, [2000?], p.19).

O circo x educação do campo

Vincular um novo modelo de educação para o campo perpassa simples ideia das paredes da sala de aula vai ao encontro de projetos pedagógicos que celebre a diversidade do campo e de seus sujeitos. Nesse sentido novas ferramentas pedagógicas surgem para ressignificar essas praticas, assim surge o circo na perspectiva de arte e educação nesses espaços.

Um antigo desejo realizado com novas ideias, assim começou a trajetória do Circo Rural Picolino. A busca valeu a pena, hoje temos um circo implantado na beira de um rio dentro de um sítio com uma área de 10.000m², ocupada com árvores frutíferas e um campo de futebol gramado; é bom demais.

A principal missão do Circo Rural Picolino é possibilitar as aulas circenses entre jovens bem como oportunizar um outro olhar sobre o campo e suas especificidades. Para isso fizemos uma parceria com a Associação de Amparo a Criança e ao Adolescente do Vale do Jiquiriçá (AACVJ) que já desenvolve há anos algumas atividades.

É inegável a importância da arte educação como agente transformador de qualquer sociedade, seja ela formal ou não. Pensar a transformação da Educação do Campo é da vez e voz a seus agentes, proporcionando as vivências com as diversas artes, bem como refletir da produção cultural já existente.

Um projeto popular de desenvolvimento do campo é uma realidade que começa a ser construída. Consequentemente, exige uma educação que prepara o povo do campo para ser sujeito dessa construção. Uma educação que garanta o direito ao conhecimento, a ciência e a tecnologia socialmente produzidas e acumuladas. Mas também que contribua na construção e afirmação dos valores e da cultura, das auto- imagens e identidades da diversidade que compõe hoje o povo brasileiro do campo (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2011, p. 14).

Acreditando nessas possibilidades a AACVJ e o Circo Rural Picollino situado na Fazenda Sete Brejo, Zona rural, em parceria com: Secretária de Educação de Jiquiriçá, busca através Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) desenvolver o projeto de aulas circenses; com o objetivo de formar cidadãos ativos, críticos, reflexivos, criativos e formadores de opiniões, nesse propósito, as aulas são fundamentas na prática pedagógica sócio internacionalista, já que são utilizados métodos centrados no aprendizado dos alunos, ou seja, o foco é no ensino aprendizagem, pois o mesmo acredita que só uma prática voltada para a valorização, a integração e o desenvolvimento dos alunos é que se é capaz de mudar a realidade da criança e do adolescente. Para tanto, no Circo Rural Picollino faz-se necessário uma prática pedagógica dialógica, inclusiva e significativa que vê a criança e ao adolescente como sujeito capaz de interagir na sociedade criticamente, pois a aprendizagem não deve ser vista de forma mecânica, sendo a mesma sem significação para o aprendizado do aluno.

As aulas circenses possibilitam um ambiente de criação e transformação, onde os participantes, enquanto agentes críticos desenvolvem uma interação com o meio ambiente, valorizando o meio rural como parte da sua vivência, conseguindo discernir ideias divergentes, pois são eles os responsáveis pela quebra de barreiras e preconceitos dentro do projeto.

Para tanto, o projeto em questão, contribui para a vivência harmoniosa entre o campo e cidade, já que alguns alunos inscritos residem na zona urbana. Assim, este o circo como uma ferramenta de ensino e aprendizagem busca o repensar de posturas, a quebra de paradigmas, o questionamento e superação da ideologia preconceituosa até então vigentes em nossa sociedade, deste modo o circo tem seu papel social, contribuindo para a formação de sujeitos que não apenas almejem exercer a sua cidadania, mas que façam dela um passaporte seguro para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Metodologia

Esse projeto foi desenvolvido na Fazenda Sete Brejos no Município de Jiquiriçá, um município de pequeno porte, que tem sua economia voltada para a produção agrícola, assim como muitas cidades do interior baiano.

Para a realização do mesmo mantemos uma equipe comprometida com a proposta, dois instrutores formados pela Escola Picolino de Salvador, Barbara e Edi Carlos (binho) que possuem grandes experiências na pratica de ensino e trabalhos com crianças e jovens para ministrar as aulas circenses; Irineu conhecido como bola sete ensinava mágica e monociclo; Alda, professora de teatro da universidade da cidade de Jequié Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), e dança com Sandra formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e coordenadora de dança do projeto AXE em Salvador. O corpo pedagógico composto por: Edilene Jesus Souza Santana Souza, Ancelmo Serrat com a coordenação geral e a equipe de acompanhamento, com três coordenadores: Edvaneide kátia, Marli Nascimento e Lourivaldo Cortes que fazem o acompanhamento escolar e individual dos alunos; agregou Edivaldo Souza (Nego), que é o responsável pelo transporte das crianças.



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

O desenvolvimento do mesmo contou-se com a participação de 40 crianças e adolescentes com faixa etária de 07 à 17, todas com o propósito de aprender novas formas de arte e prepara-se para atuarem na sociedade.



Fonte: Arquivo pessoal

As atividades tiveram início no dia 21 de fevereiro de 2015 com demonstrações da proposta de interação artística, inclusive com a participação de artistas locais e concluiu esta primeira etapa em 29 de setembro 2015.

Os participantes foram divididos em duas turmas com aulas de circo as segundas e sextas feiras pela manhã e tarde com duração de 3 horas e 30 com uma turma das 08h00 às 11h30 e outra das 13h00 às 16h30 e aulas de teatro e dança aos sábados, com duração que variava entre 02 a 03 horas, a depender do tamanho do grupo, no horário das 08h00 às 11h00. Estas aulas também são revezadas com as aulas de Dança. Os alunos realizam alongamentos em um círculo para que todos possam se olhar, trabalhando assim concentração, foco e compartilhamento.



Fonte: Arquivo pessoal

A metodologia aplicada nas aulas parte das proposições de Viola Spolin e Olga Reverbel para o ensino de teatro para crianças e adolescentes. Para Reverbel a ludicidade conduz os alunos a uma espontaneidade que ajuda na construção do imaginário teatral, enquanto que segundo o

método de Spolin, após a criação de cenas os alunos também devem ser apreciadores do fazer artístico do outro, incentivando desta forma à formação de platéia e o senso crítico nos apontamentos dos aspectos positivos e negativos, de modo a alcançar o aperfeiçoamento das técnicas (expressão corporal, vocal, dicção, criação, entendimento do texto, etc). Juntando estas duas metodologias partimos da espontaneidade para a técnica, retornando a espontaneidade no ato da apresentação pública. Da mesma forma as técnicas dos palhaços através da realização de esquetes cômicas, devem partir da apreciação e da espontaneidade.



Fonte: Arquivo pessoal

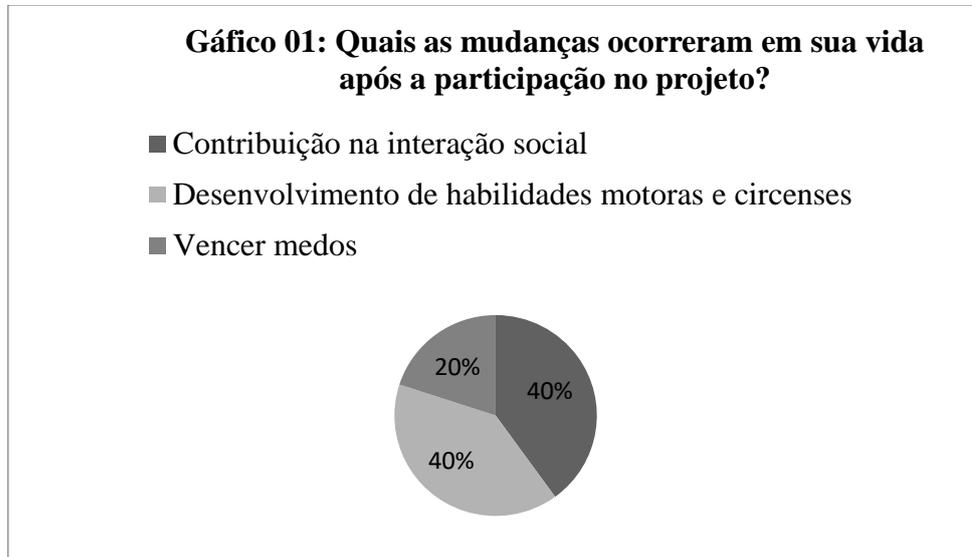
Após a realização das atividades realizou-se uma entrevista com dez alunos, para verificarmos como o desenvolvimento do trabalho contribuiu na trajetória pessoal e educacional do público envolvido.

Resultados e discussão

Ao longo do desenvolvimento do projeto foi notório que os participantes demonstraram-se entusiasmados em participar das atividades circenses e nas propostas metodológicas apresentadas para a contação das histórias e encenações teatrais.

Com base nos dados obtidos na realização da entrevista, quando se questionou qual a mudança percebida na sua vida após a participação do projeto, a maioria destacou que o projeto colaborou de forma decisiva para a melhoria da integração social sendo que 40% (4/10) mencionaram que perderam a dificuldade de interagir socialmente, são mais ágil nas atividades

motoras e circenses 40% (4/10) e conseguem enfrentar os obstáculos da vida sem ter medo 20% (2/10) (gráfico 01).



Fonte: Entrevista realizada pela autora.

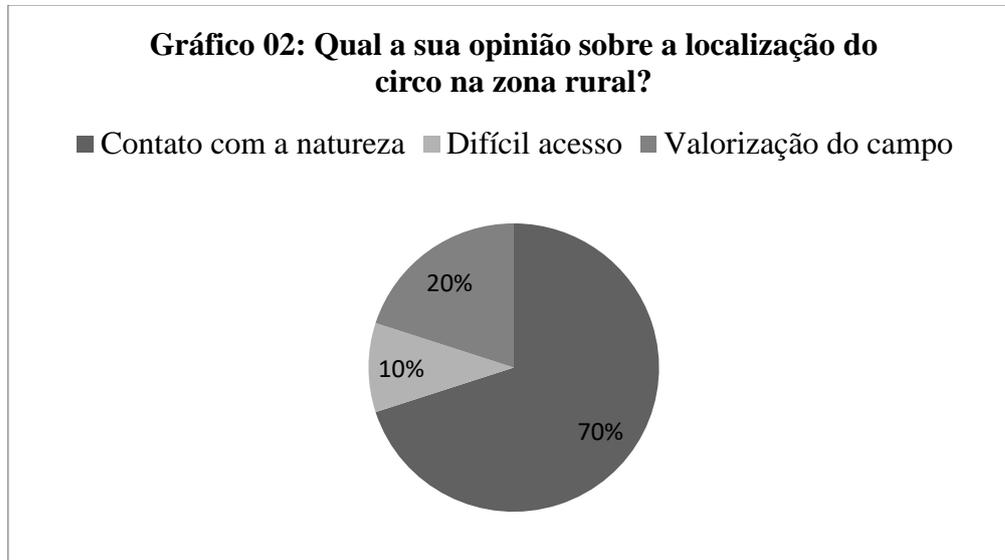
OLIVEIRA ([2000?], p.12) traz uma contribuição muito relevante quanto a a ação do circo na transformação do ser na afirmação que diz: O circo é um construtor de um ambiente que induz a uma maior sensibilidade das pessoas. Ele apresenta conflitos que impulsiona o ser humano a olhar-se o que impulsiona mudanças [...].

Esse fato é constatado na fala de um dos participantes que começou a interagir socialmente com mais facilidade.

A pergunta seguinte (gráfico 02) teve um enfoque para a localização do circo na zona rural, para a maioria dos que ingressaram no projeto 70% (7/10) consideram que o contato com a natureza é excelente para as propostas de trabalho do projeto, para os residentes na zona urbana o

Mudou muita coisa na minha vida eu tenho muito vergonha de falar com as pessoas mais depois do circo isso mudou, eu aprendi a conversar com as pessoas, e também eu fiz muitos amigos.

acesso era considerado difícil 10% (1/10), dos que residiam na zona rural destacaram que a localização favorecia a valorização do campo 20% (2/10).

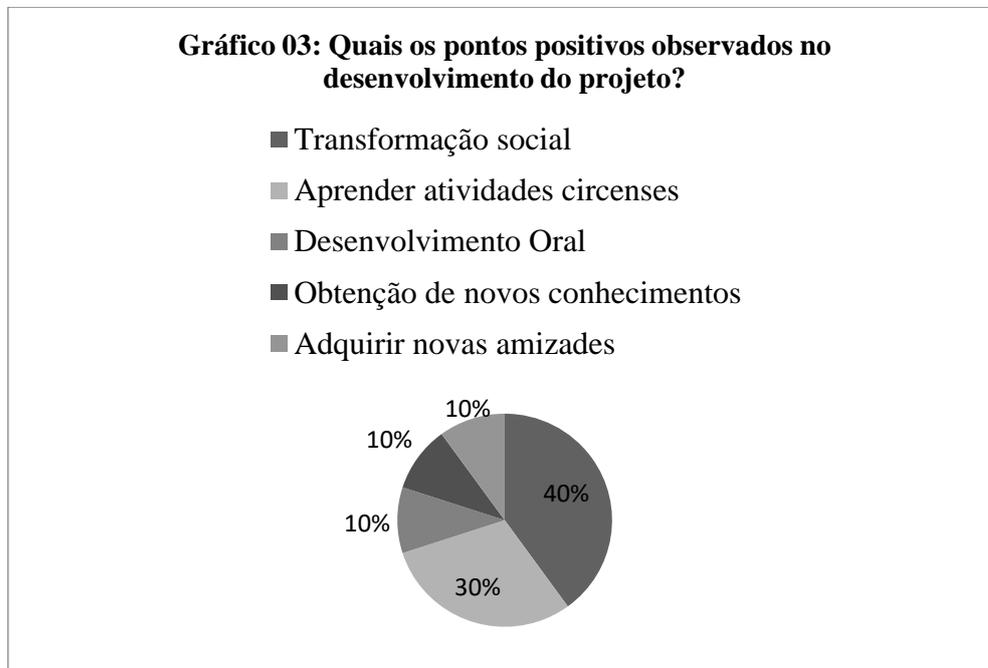


Fonte: Entrevista realizada pela autora.

Propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso do avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas. (BRASIL, 2001, p. 25)

Prosseguindo a entrevista questionou-o concernente aos pontos positivos de foram destacados pela maioria dos pesquisados 40% (4/10) que a transformação social foi essencial no projeto, no ponto de vista do comportamento e também que muitos dos participantes poderiam está pelas ruas fazendo coisas desagradáveis, mas estavam executando no projeto atividades que contribuía para sua formação cidadã, além disso, o aprendizado das atividades circenses 30% (3/10) pode ser vistas como um trampolim de possibilidades tanto reflexivas como motoras, o desenvolvimento oral foi mencionado por 10% (1/10) dos pesquisados levando em consideração a perda da timidez com o desenvolvimento das atividades, 10% (1/10) apresentaram a obtenção de novos conhecimentos, pois havia a busca do conhecimento local, da história da cidade que era

apresentado em forma de peça teatral e os outros 10% (1/10) elencaram como ponto positivo a interação com os participantes adquirindo novas amizades (gráfico 03).



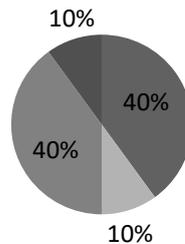
Fonte: Entrevista realizada pela autora.

De um modo geral, pode-se definir a metodologia do circo social como uma construção por meio da arte circense de um dialogo pedagógico no contexto da educação popular e uma perspectiva de promoção da cidadania e da transformação social (BARRÍA, 2006, p. 18).

Foi indagado em relação aos pontos negativos (gráfico 04) 40% (4/10) enfatizou a pouca duração do projeto, apontando assim a positividade do mesmo, 10% (1/10) disse a impossibilidade de participar das aulas oferecidas aos sábados por questão religiosa, 10% (1/10) a dificuldade nas atividades circenses, pois estas exigem um breve conhecimento do corpo e 40% (4/10) não apresentaram pontos negativos.

Gráfico 04: Relate os pontos negativos do projeto

- Pouca duração do projeto
- Impossibilidade de participar das aulas aos sábados
- Dificuldades com as atividades circenses
- Nenhuma



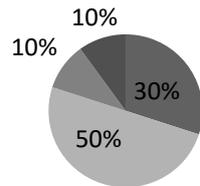
Fonte: Entrevista realizada pela autora.

Ao verificar a importância das atividades do projeto para o seu dia a dia (gráfico 05) um ponto que chamou atenção foi que 30% (3/10) falaram sobre sua mudança de conceito em relação ao circo, que antes achavam que era apenas entretenimento e não um meio para aprender algo, 50% (5/10) disseram que as atividades proporcionaram equilíbrio emocional ajudando-lhes a enfrentar os dilemas do dia a dia com mais serenidade, 10% (1/10) apontaram para o poder da elevação da baixa estima a partir das atividades desenvolvidas e 10% (1/10) não respondeu.

Não é por demais afirmar os inúmeros benefícios que as atividades circenses vão construindo a partir dos diálogos entre os envolvidos em todo o processo de execução do projeto, MARQUES (2004, p.19), afirma que [...] os conteúdos basilares do circo social, vão sendo construídos a partir dos diálogos com os conhecimentos e protagonismo dos meninos e meninas.

Gráfico 05: Qual a importância das atividades do projeto para o seu dia a dia?

- Mudança do conceito em relação ao circo
- Equilíbrio emocional
- Melhora de baixa estima
- Não respondeu

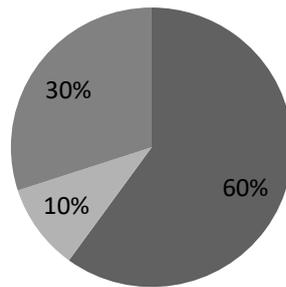


Fonte: Entrevista realizada pela autora.

Analisando os conhecimentos adquiridos no projeto além das atividades circenses (gráfico 06) 60% (6/10) evidenciaram que aprenderam a conviver com as diferenças, respeitando o modo de ser de cada um e as limitações, 10% (1/10) disse que a conhecer a história do seu município trazia apropriação do conhecimento local bem como sentir-se inserido no meio e 30% (3/10) acharam o máximo seu desenvolvimento na atividade teatral, pois o mesmo possibilitava desinibir-se superando o medo de atuar em público.

Gráfico 06: Além das atividades circenses indique outros conhecimentos adquiridos.

- Conviver com as diferenças
- Apropriação do conhecimento local
- Desenvolvimento de atividade teatral



Fonte: Entrevista realizada pela autora.

De acordo LOBO e CASSOLI (2007, p. 64) "as práticas de circo social não objetivam o espetáculo como acontece no circo, mas combinam finalidades de educação e de assistência social com saberes populares". É uma arte que proclama uma transformação histórica, em síntese, busca fortalecer o potencial dos educandos através das práticas circenses para interferir em processos de desenvolvimento humano, tendo como foco principal a elevação de autonomia e auto-estima, os fortalecendo como sujeitos de direitos e como atores e protagonistas de transformação social.

Considerações finais

Como defendido ao longo deste, não se trata apenas de modificar o olhar sobre o campo e sobre a arte ou levar a esse espaço novas formas de arte. Buscou-se o contrário. É a superação das ideias românticas e preconceituosas que ainda pairam sobre a Educação do Campo bem como a tentativa de ofertar a essa merecida população o que historicamente vem sendo negado.

O desenvolvimento desse projeto no município possibilitou o encontro real com a arte; o encontro de pessoas que acreditam na possibilidade da transformação benéfica da nossa sociedade. Esse foi um ganho para as crianças e adolescente que residem no município, pois além das

magníficas aulas (arte milenar), os mesmos têm a possibilidade da integração e a vivência com valores fundamentais para o desenvolvimento do ser humano.

É de suma importância que a Educação do Campo possa estar atrelada às diversas expressões culturais compreendendo os aspectos históricos e culturais que envolvem o entorno da realidade constituída das significações dos seus educandos (as) com os quais atuam no processo de ensino e aprendizagem voltando-se para a quebra de paradigmas que sempre descreveram esse espaço como território atrasado relegado à cultura.

Com a execução do projeto foi possível conhecer diferentes formas de culturas, quebrando preconceitos a respeito da arte circense e estabelecer uma vivência respeitosa entre as crianças e adolescentes, refletindo de que modo estão sendo incluídos na sociedade e um importante repensar no que se refere às relações sociais e a educação. É importante ressaltar que, o projeto, no ato pedagógico, despertou a consciência crítica dos alunos, para que esses venham a sensibilizar-se tanto quanto à desigualdade social existentes no país como o seu papel no processo de transformação.

Contudo, mesmo com o pouco tempo de duração do projeto obteve-se resultado satisfatório verificando nos educandos o empenho nas atividades desenvolvidas, mudança de comportamento, apreciação e apropriação da história do município, descaracterização preconceituosa de estigmas historicamente construídos acerca das atividades culturais populares e, sobretudo o nascer de um novo olhar para a Educação do Campo, afinal a lona estendida entre as árvores e no entorno do rio simboliza a luta e resistência dos sujeitos do campo.

Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. Pedras de Calcutá. Rio de Janeiro: Agir, 2007

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salette; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação do Campo**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, DF, 2001.

IBGE. Censo 2000 e 2010. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922011000300011. Acesso em:
25/01/2017

JÚNIOR, Boreas Trindade & TRINDADE, Alberto Affonso Marques. *Circo Social no Brasil*, [2000?].

LOBO, L. e CASSOLI, T. Circo social e práticas educacionais não governamentais. In: **Psicologia e Sociedade**. 18(13): 62-67, set/dez. 2006. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/pscoc/v18n3/a09vn3.pdf>. Acesso em: 25/01/2017.

MANCILLA, Claudio Barria. **Circo Social do SER**. Disponível em:
http://seessarua.org.br/circo_social.php. Acesso em: 25/01/2017.

MARQUES, Daniel da Silva. **O palhaço negro que dançou a chula para o Marechal de Ferro**: Benjamim de Oliveira e a consolidação de circo teatro no Brasil – mecanismos e estratégias artísticas como forma de integração social na Belle Époque carioca, 2004.

MAUÉS, Moreira. **Palhaços travadores**: uma história cheia de graça, 2004. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Ppgac da UFBA, Salvador, 2004.

OLIVEIRA, Zezo de. *Fundador da Escola Pernambucana de Circo e atual diretor da Escola Nacional do Circo*, [2000?].

SILVA, Erminia - ***O circo sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX***. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia Ciências e Humanas. Dissertação de Mestrado, 1996.